



Pedagogia do Terreiro: conexões e diálogos do Ilê Axé Etomin Ewa com a Educação Escolar

Pedagogy of the Terreiro: Connections and Dialogues between Ilê Axé Etomin Ewa
and School Education

Jupira Alves Ribeiro Amorim¹

Faculdade Visconde de Cairu, Salvador-BA, Brasil

Elisete Santana da Cruz França²

Faculdade Visconde de Cairu, Salvador-BA, Brasil

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a Pedagogia do Terreiro e como ela pode contribuir para a valorização e o respeito às religiões de matrizes africanas no contexto escolar, a partir dos princípios educativos do Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa. A pesquisa adota uma abordagem de tipo etnográfica como método de investigação. O estudo revelou que, assim como na escola, no terreiro o aprendizado ocorre de forma gradual e holística, promovendo uma compreensão mais profunda e integrada. A pesquisa também aponta que a inclusão das reflexões sobre o Candomblé no currículo escolar enriquece o processo educativo, oferecendo uma visão mais ampla das raízes culturais e históricas da sociedade brasileira, e que, ao tratar todas as religiões com equidade, as escolas criam um ambiente de respeito e valorização, onde todos os estudantes, independentemente de sua religião, se sentem acolhidos e respeitados.

Palavras-chave: Candomblé. Educação Decolonial. Intolerância Religiosa. Resistência Cultural. Pedagogia de Terreiro.

Abstract: The aim of this study is to analyze the Pedagogy of the Terreiro and how it can contribute to the valorization and respect for African-based religions in the school context, based on the educational principles of the Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa. The research adopts an ethnographic approach as the method of investigation. The study revealed that, just as in schools, learning in the terreiro occurs in a gradual and holistic manner, promoting a deeper and more integrated understanding. The research also indicates that the inclusion of Candomblé in the school curriculum enriches the educational process by providing a broader view of the cultural and historical roots of Brazilian society, and that by treating all religions equitably, schools create an environment of respect and appreciation, where all students, regardless of their beliefs, feel welcomed and respected.

Keywords: Education. Pedagogy. Candomblé. Terreiro. School.

1 Graduada em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. Auxiliar de Desenvolvimento Infantil. E-mail: jupiramorim@hotmail.com

2 Doutora em Difusão do Conhecimento. Mestre em Crítica Cultural. Professora da Fundação Visconde de Cairu. E-mail: elisete@cairu.br zetefranca26@gmail.com

Introdução

O Brasil é constitucionalmente um Estado laico, o que implica que as escolas não convencionais devem ser isentas de credos e crenças. No entanto, as vivências na educação básica sejam como docente ou experienciando o estágio supervisionado como espaço de investigação, pesquisa e reflexão, esse tema sempre intrigou as pesquisadoras, visto que, é notório um número expressivo de estudantes que professam religiões de matriz africana e a presença constante de práticas cristãs, como a veneração de santos católicos e orações evangélicas. Em contrapartida, a discussão sobre as religiões de matrizes africanas era praticamente inexistente. Bem como o tratamento dispensado aos/às estudantes de religiões cristãs se destacava em comparação à marginalização dos estudantes de religiões de matrizes africanas, também conhecidas como religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda.

Partindo das observações supracitadas, pode-se constatar que, embora o Brasil seja um país laico, as religiões de matrizes africanas ainda são vistas como um grande tabu nas escolas e frequentemente enfrentam perseguições e intolerância. Fato que pode ser constatado nos dados publicados pela CNN Brasil quando evidencia que a intolerância religiosa cresceu mais de 80% no Brasil em 2024 comparado ao ano de 2023, principalmente nos estados da São Paulo, Rio de Janeiro e , Bahia respectivamente na ordem de números de violações registradas. Em 2024 foram registradas 3.853 violações motivadas por intolerância religiosa contra 2.128 ocorridas no ano de 2023.

No que se refere especificamente ao estado da Bahia, a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos povos e comunidades tradicionais (SEPROMI), evidencia que as denúncias sobre intolerância religiosa aumentaram cerca de 300% no período de 2022 a 2024. Foram 90 denúncias registradas no ano de 2024, contra 22 feitas dois anos antes. A média é de uma denúncia de intolerância religiosa a cada dois dias.

É importante comentar que existe uma invisibilização dos dados estatísticos sobre a intolerância religiosa no âmbito escolar, isso evidencia um apagamento institucional acerca das violências sofridas pelos/pelas estudantes de religiões de matriz africana nesse espaço, que deveria educar para o respeito as diversidades e diferenças.

Sobre essa forma de violência Moronari, Alves e Silva (2023), destacam que junto à violência racial, inclui também o epistemicídio, perseguições, assassinatos de lideranças religiosas, membros de famílias de santo, incêndios criminosos em terreiros, exclusão e silenciamento dos saberes ancestrais. Nesse contexto, a Pedagogia do Terreiro surge como uma estratégia de fomentar e valorizar os saberes ancestrais. A Pedagogia do Terreiro destaca uma ação de resistência e preservação das tradições, sublinhando a importância da educação e da transmissão de conhecimentos dentro dos próprios terreiros. Essa abordagem pedagógica não visa apenas a formação espiritual, mas também a construção de um espaço seguro onde as identidades e os saberes culturais podem ser afirmados e protegidos.

É fundamental evidenciar que mais do que uma prática religiosa, o Candomblé se constitui como um sistema educativo que possibilita a construção identitária dos sujeitos sociais transmitindo valores e fomentando vínculos comunitários. Essa tradição espiritual, desenvolvida principalmente nas comunidades afrodescendentes no Brasil, é caracterizada por uma rica diversidade de rituais e práticas que refletem a cultura e a história dos povos africanos e afro-brasileiros.

O Candomblé é uma religião hierárquica, onde o respeito pelos seus fundamentos e pela autoridade dos mais velhos é essencial. Os líderes religiosos, conhecidos como lalorixás e Babalorixás, popularmente chamados de “mães e pais de santo”, desempenham um papel fundamental na transmissão dos ensinamentos e na condução dos rituais e cerimônias, que geralmente incluem danças, cânticos e oferendas aos orixás – divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana. Vale salientar, que os/as líderes espirituais desempenham um papel relevante na condução dos rituais e na transmissão de ensinamentos, tornando-se verdadeiros/as mestres/as de uma pedagogia ancestral. Essa é uma Pedagogia muitas vezes silenciada, invisibilizada pelo modelo educacional colonizador.

Diante o exposto, este artigo parte da seguinte indagação: como a Pedagogia do Terreiro pode contribuir para a valorização e o respeito às religiões de matriz africana no ambiente escolar? Parte-se do pressuposto de que “a vivência no terreiro tende a ficar “fora da escola”, já que a escola historicamente ignora os valores culturais negros.” (Oliveira; Almirante, 2014, p. 165). Essa invisibilização e

exclusão reforça a homogeneização cultural presentes no fazer pedagógico das escolas formais.

Dessa forma, o propósito desse artigo é analisar a Pedagogia do Terreiro e como ela pode contribuir para a valorização e o respeito às religiões de matriz africana no ambiente escolar, a partir dos princípios educativos do Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa. Trata-se de uma pesquisa de caráter etnográfico, pois, conforme Mattos (2011), compreende o estudo das práticas cotidianas de um grupo específico de pessoas, por meio da observação direta ao longo de um período de sete meses entre os meses de maio a novembro de 2024 e escuta sensível. Essa metodologia possibilita compreender as experiências, as questões e significados atribuídos pelos sujeitos sociais no espaço de investigação, no nosso caso o Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa.

A pesquisa etnográfica busca uma análise holística ou dialética da cultura, entendendo-a não apenas como um simples reflexo das forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados que atua como mediador entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas. Ela foca principalmente nos padrões mais comuns de percepções e comportamentos manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados.

Caracterizando-se como um estudo de campo de tipo etnográfico, a pesquisa possibilitou à pesquisadora uma imersão no contexto observado, por meio da observação participante durante seis meses e entrevistas com quatro membros do terreiro pesquisada. Ao adotar essa abordagem, buscou-se obter uma compreensão mais detalhada da realidade social do terreiro e suas interfaces com a educação escolar, considerando suas dinâmicas e significados culturais, bem como as formas como os indivíduos interpretam e se relacionam com seu entorno social, cultural e educacional.

Histórico do Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa

Fundado em 1944, o Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa é uma casa religiosa enraizada nas tradições africanas, originária da nação de Ketu. Tudo começou na área da Cruz do Cosme, hoje conhecida como Bairro do Iapi. A primeira matriarca foi a ialorixá Angelina da Silva Brito, filha de Iemanjá, que incorporava o caboclo

Maxacarí da Selvagem e inaugurou a casa logo após seus 14 anos de iniciação no Candomblé.

O terreiro, que começou pequeno e humilde, cresceu ao longo do tempo, tornando-se um espaço que acolhe um número significativo de adeptos e de pessoas em busca de orientação espiritual. Esse crescimento deve-se, em grande parte, ao marido de Dona Angelina, que doou o terreno na Avenida Barros Reis ao caboclo Maxacarí da Selvagem, onde foi construído o terreiro que permanece até hoje. Não podemos deixar de associar o crescimento do terreiro as ações desenvolvidas por Dona Angelina que estava sempre disposta a ensinar e a transmitir os conhecimentos religiosos aos/às frequentadores/as, especialmente a seus quatro netos e netas, que continuam a preservar o sagrado, mantendo vivo seu legado. Era uma mulher séria, com um forte senso de justiça, de grande respeito na comunidade, sendo frequentemente chamada para mediar diversos conflitos familiares até mesmo desentendimentos entre casais.

Sabemos que historicamente há um forte preconceito e intolerância em relação às religiões de matrizes africanas, e assim muitos adeptos do candomblé, mantinham uma relação estreita com a igreja católica, estratégia utilizada para superar os atos de perseguições religiosas, ou seja, o uso do sincretismo religioso como mecanismo de resistência utilizada também por Dona Angelina. Essa prática remonta à época da escravidão, quando negros/as escravizados/as disfarçavam sua fé nos orixás por meio da veneração aos santos católicos.

Na comunidade em que vivia e dentro da religião católica em Salvador, Dona Angelina era muito respeitada e frequentemente fazia doações de flores durante as festividades religiosas e se dedicava a oferecer brinquedos, doces e guloseimas para as celebrações da igreja. Diante dessas “tradições”, todos os seus netos e netas foram batizados/as na fé católica. Aqui expressa mais uma vez o emprego do sincretismo religioso como estratégia para a sobrevivência do seu terreiro e garantia de respeito à sua família; pois como comentam Tavares e Lopa (2021, p.283) “historicamente, verifica-se durante todo o período colonial e imperial, o estado brasileiro manteve-se confessional, com o Catolicismo Romano sendo a religião oficial, passando à configuração de estado laico somente com a Proclamação da República”. Ainda assim, mesmo com laicidade expressa na nossa constituição a marginalização das religiões de matrizes africanas ainda estão acentuadas na nossa sociedade.

No entanto, apesar do vínculo com a Igreja Católica, em seu Ilê Axé, a Yalorixá Angelina manteve viva a religiosidade afrobrasileira iniciando muitos filhos e filhas de santo. Durante sua vida, ela cumpriu a missão transmitida pelos seus Orixás e caboclos, mantendo uma casa repleta de axé, onde se realizavam cultos aos/às Orixás e sessões de caridade promovidas por seu caboclo Maxacarí. Mesmo após seu falecimento, o culto continuou sendo mantido pelos netos e netas, que deram continuidade às tradições familiares e ao culto aos/às Orixás.

Em 2024, o terreiro completou 80 anos de existência e resistência. Atualmente, é administrado pelo Babalorixá Regilton Alves Ribeiro, com a Yalaxé Jacira de Osagyan responsável por todos os ôrôs (fundamentos) do terreiro, a Yadagan Rejane de Oxum, encarregada das oferendas feitas aos/às Orixás, e a Yarobá Jupira de Ogun, responsável pela segurança e proteção do terreiro, além de ser a escolhida para dar continuidade ao culto ao caboclo Maxacari. Os quatro netos e netas, além de cultuarem os/as Orixás, têm a missão de seguir os ensinamentos deixados por sua avó, preservando o Ilê Axé como um espaço de irmandade e fraternidade, procurado por muitas pessoas em busca de auxílio espiritual.

A Pedagogia do Terreiro e seus Princípios

O terreiro de Candomblé é um espaço onde todas as pessoas que o frequenta buscam algo significativo em suas vidas. Muitas se aproximam por meio dos chamados dos/as orixás, outras em busca de saúde ou em resposta a dificuldades que enfrentam em sua vida cotidiana, e algumas até por amor e devoção a um/a orixá específico. O acesso e a permanência no terreiro são iguais para todos os filhos/as de santos, bem como para os/as frequentadores/as. Nessa perspectiva, ao serem questionados sobre como iniciaram sua caminhada no Candomblé e quais são os principais ensinamentos e práticas que vivenciam no terreiro, os/as participantes da pesquisa responderam:

Me iniciei aos sete anos de idade. Nasci e cresci no candomblé ouvindo muitas histórias e aprendendo os valores [...], obedecer ao designo de Deus e dos Orixás, e respeitar e aprender com os nossos mais velhos. (Yalaxé Jacira, 50 anos, entrevista 2025).

Me iniciei com cinco anos, uma criança ainda. [...] Minha mãe e meu pai são da religião. Nasci, cresci e vivo no terreiro de candomblé, [...] o respeito a hierarquia é um dos principais ensinamentos... (Omon Orixá Gilmar, 30 anos, entrevista 2025).

Nasci dentro do candomblé [...]. Iniciei aos doze anos de idade. Aprendi a respeitar a todos, idosos, adultos e crianças. No terreiro somos todos irmãos e a principal lição é a hierarquia, porque onde há hierarquia a ordem e respeito. (Yadagan Rejane, 53 anos, entrevista 2025).

[...] iniciei minha caminhada aos sete anos por questões de saúde e de lá até aqui eu aprendi que o respeito é a base para qualquer relação. Isso eu aprendi e venho mantendo e replicando, passando para os meus a importância do respeitar e ser respeitado. (Babá Ebé Luís, 53 anos, entrevista 2025).

As falas dos/as religiosos/as revelam a forte relação entre a vivência religiosa e os valores fundamentais do Candomblé, especialmente o respeito e a hierarquia. A vivência promove a formação de uma identidade pautada no aprendizado com os/as mais velhos/as e no entendimento de que a ordem e a harmonia no terreiro dependem de um respeito mútuo entre todos/as, independentemente da idade ou atribuição. As menções à hierarquia destacam seu papel central como princípio orientador dentro do terreiro, evidenciando como os ensinamentos religiosos moldam as atitudes e as relações sociais dentro dessa comunidade.

Assim, ao falarmos da Pedagogia do Terreiro, falamos de tudo que é ensinado e apreendido, das práticas, crenças, comportamentos, memórias, valores, são os processos de ensino e aprendizagem constituídos nos terreiros oriundos dos saberes ancestrais, que se fundamenta no aprendizado transmitidos por meio da vivência das práticas coletivas e no convívio diário. Conforme Macedo, Maia e Santos (2019, p. 13):

É no convívio diário, por intermédio da oralidade que as memórias coletivas da religião são transmitidas e o conhecimento compartilhado. É preciso estar presente. É uma religião que envolve coletividade e presença. Cada um tem uma atribuição, cada um tem uma participação e papel importante dentro de uma Roça de santo, e para aprender sobre essas atribuições, é preciso estar lá. Os saberes sobre a religião não estão nos livros e tampouco na internet. Os segredos estão com os mais velhos. Somente por meio da oralidade e do "ver fazer" é que se aprende.

A ênfase na oralidade e no "ver fazer" como formas legítimas de aprendizado demonstra a centralidade da experiência prática e do respeito à sabedoria acumulada pelos/as mais velhos/as, reafirmando que, nas religiões de matrizes africanas, o conhecimento é passado por meio do convívio cotidiano, do exemplo e da participação ativa. Em síntese, os ensinamentos são partilhados no cotidiano da convivência entre todos/as os/as adeptos/as. Nesse contexto, a solidariedade e a

humildade são essenciais. A diversidade étnico-racial e o pluralismo de gênero são respeitados, e não há espaço para discriminação.

Para compreender os itãs – as histórias e cultos deixados pelos/as nossos/as ancestrais – é necessário dedicar tempo, boa vontade e fé. O desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem de forma gradual, assemelhando-se à trajetória educacional tradicional, que abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Superior. Assim como na escola, não se aprende tudo de uma vez; cada ensinamento deve ser processado de forma holística, permitindo uma compreensão mais profunda e integrada. Segundo Kimura e Mendes (2021, p. 249):

[...] as formas de se ensinar e se aprender em diferentes manifestações das tradições de matrizes africanas sugerem um tipo de educação igualitária pautada em elementos que demandariam a emergência de outra cultura escolar, como as noções de coletividade, ancestralidade, intersubjetividade, territorialidade e temporalidade.

Ao adentrar um Terreiro de candomblé, onde tudo é sagrado e consagrado ao espiritual, os/as filhos/as de santo e simpatizantes pedem "agô" (licença) a Exú, orixá mensageiro e guardião da porteira. Cada um/a ao entrar, a porta é despachada com água limpa e consagrada, deixando do lado de fora todas as energias mundanas, permitindo que a pessoa esteja no ambiente sagrado. Ainda de acordo com Kimura e Mendes (2021, p. 243):

O ato de passar sobre a cabeça uma cuia contendo água limpa para, em seguida, "despachá-la" na rua, permite que adentremos a um mundo que entendemos como sagrado, deixando aquilo que é mundano para o lado de fora. A partir deste primeiro ato introdutório, uma vez que muitos outros se seguirão, damos o primeiro passo em direção à visão de mundo praticada neste contexto deixando para fora a vestimenta eurocêntrica que determina que somos seres individuais, com nossas profissões, formações, posições sociais, poder aquisitivo, relações e todas as inúmeras qualificações que nos determinam em nossa sociedade.

Assim, é necessário mudar os hábitos, as vestimentas e até a comunicação. Todos são iguais, deixando de lado as profissões, os cargos e as soberbas, pois no terreiro de candomblé, somos filhos, filhas, irmãos, irmãs, pais e mães, e é preciso respeitar a hierarquia. Os conceitos são diferentes, e a vivência ali traz um novo aprendizado, pois os corpos são consagrados aos/às orixás.

Todas as tarefas são aprendidas cotidianamente a partir da vivência no barracão, além disso, a cronologia das atividades não obedece ao ritmo temporal produzido pelo Ocidente, o que significa dizer que o tempo marcado pelo relógio é substituído pelo tempo necessário para que essas atividades aconteçam. (Kimura; Mendes, 2021, p. 244)

Durante os festejos, o ambiente se torna ainda mais alegre, com filhos/as de santo e simpatizantes reunidos para louvar os/as orixás. Os/as adultos/as ficam sempre atentos, garantindo que todas as pessoas estejam confortáveis e acomodadas. Todas as tarefas são divididas e delegadas aos/às filhos/as de santo.

As crianças, sempre alegres, brincam, dançam, cantam e se movimentam para se integrar ao ambiente, que é rico em alegria. Quando se aproxima a hora do "Xirê" (festa dos/as orixás) elas se separam e se posicionam "de acordo com sua idade iniciática." (Kimura; Mendes, 2021, p. 244). Segundo Oliveira e Almirante (2014, p. 151), no Candomblé as crianças são ensinadas

[...] mediante a observação, ainda que a aprendizagem não se dê apenas a partir disso, uma vez que, [...], a brincadeira possui uma centralidade no processo de aprendizagem das crianças no terreiro. Ainda que não seja ensinado "como brincar", portanto, a aprendizagem é, por excelência, um processo criativo.

São ensinadas desde pequenas a vivenciar os costumes do terreiro e as tradições culturais. Elas aprendem dentro de uma comunidade, explorando as experiências e elementos do cotidiano, buscando educar-se sempre através da vivência. No barracão, a responsabilidade de educar, cuidar, alimentar e chamar a atenção, quando necessário, é compartilhada por todos/as, independentemente da presença dos pais/mães. As crianças vão absorvendo, desde cedo, o respeito, a comunhão, o irmana-se e a partilha dentro do terreiro.

Durante os rituais, o zelador que chefia a casa sempre cobra atenção, silêncio, respeito e reverência aos demais, dizendo frases do tipo "isso aqui é coisa séria, viu?". Os pais e os responsáveis das crianças reiteram essas cobranças, apoiam a posição da chefia e reforçam nos filhos o comportamento requerido para que também aprendam e compreendam a ritualística. (Oliveira; Almirante, 2014, p. 154)

No Ilê Axé Etomin Ewa, nos dias de cultos, as crianças são liberadas para ir à escola. Ao retornarem, a porta do terreiro é despachada, e, ao adentrar, elas tomam seu banho de ervas, saudando a casa com a expressão "benção aos orixás", e cumprimentam os/as mais velhos/as. Em seguida, realizam o "Ajeum" (refeição), se alimentam, brincam e cumprem seus afazeres, sempre com o espírito de comunidade de axé, pois as crianças de candomblé aprendem principalmente através da observação e das brincadeiras (Oliveira; Almirante, 2014).

De acordo com os estudos de Barros (2001, p. 96):

O aprendizado é produto da vivência e de um processo iniciático que se concretiza através da transmissão oral do saber. [...] Aprender a cantar corretamente, dançar bem e pronunciar com precisão as diferentes saudações dirigidas aos mais velhos e aos orixás é o trabalho a que se submetem os que pretendem conhecer e vivenciar a religião dos deuses africanos.

Assim, é importante que fiquemos atentos às possibilidades de avanços constantes no processo de aprendizagem de nossas crianças, especialmente nas interações e socializações proporcionadas pelos ambientes em que elas estão inseridas. As linguagens utilizadas nos terreiros, como observa Conceição (2006), são diferentes das linguagens pedagógicas convencionais.

[...] vivenciada, em alguns casos, de forma mais tensa pelos iniciantes, ao trazerem diferentes perspectivas que conflitam com o processo de aprendizagem necessário para construção da pertença a este lugar; mas também por aqueles membros mais antigos, que enfrentam os desafios de preservar valores e ensinamentos de seus ancestrais, os quais alicerçam esta pedagogia e que na sociedade tornaram-se secundários. São conflitos que apontam diferenças entre o modelo pedagógico dominante na sociedade e a Pedagogia presente no culto aos orixás (Conceição, 2006, p. 12).

Essa diferença pode influenciar, especialmente quando os/as professores/as que são iniciados/as na religião percebem o contraste entre a Pedagogia do Terreiro e a Pedagogia Escolar. Embora as escolas estejam ganhando espaço ao tratar dos assuntos afro-brasileiros, a dinâmica do candomblé é distinta da abordagem pedagógica tradicional, que, geralmente, está baseada em valores ocidentais.

O candomblé, como religião, preza pela educação, empatia e pela ancestralidade deixada pelos povos negros. A educação no terreiro promove uma educação igualitária, demonstrando que não existe uma única forma de educação "monocromática" e ocidental, mas sim a necessidade de estabelecer e respeitar os costumes e valores deixados pelos povos africanos. Uma pauta importante, que poderia ser discutida em reuniões pedagógicas ou apresentada nas escolas, abordando a cultura afro-brasileira, que ainda sofre discriminação nos dias de hoje.

Os terreiros de candomblé, mesmo enfrentando diversas privações, buscam manter seu culto aos/às orixás, inkissês e voduns. A educação no terreiro vai além de um simples ensino; ela segue uma cosmovisão de mundo em que, durante a iniciação, a pessoa "morre" para o mundo material e renasce para o mundo espiritual. Nesse rito de passagem, toda a vivência burguesa, ensinada pela

sociedade capitalista, é substituída por novos costumes e valores (Kimura; Mendes, 2021).

Entre o Terreiro e a Escola

Assim como nos tempos passados e ainda hoje, a educação escolar não mantinha nenhum vínculo com a educação transmitida nos terreiros. Não me refiro especificamente aos aspectos religiosos, mas sim aos ensinamentos de convivência e respeito que são passados dentro desses espaços sagrados. Esses ensinamentos eram, e ainda são comumente distintos dos que se aprendem na escola.

Naquela época, a maioria dos babalorixás e yalorixás não possuía escolaridade formal, e seus conhecimentos eram transmitidos de geração em geração por meio da oralidade, prática que perdura até hoje. A educação nos terreiros, portanto, sempre se baseou na experiência e vivência do cotidiano, o que fazia com que muitos/as líderes espirituais enfrentassem dificuldades em conciliar a vida religiosa com a escolar, uma vez que ambas exigiam um tempo que, muitas vezes, não era possível de ser conciliado. Neste contexto, enquanto a escola formal mantinha um distanciamento dos ensinamentos e valores dos terreiros, estes mantinham uma forma de educação centrada na convivência, na oralidade e nos fundamentos espirituais, algo que permanece até os dias atuais.

Ainda hoje, para se dedicar integralmente ao seu Ilê Axé, é necessário fazer escolhas difíceis e, muitas vezes, renúncias, ou buscar um equilíbrio entre a vida escolar, profissional e pessoal. Isso demanda uma enorme força de vontade e organização, pois conciliar os estudos, a carreira e a vida pessoal com as atribuições religiosas não é tarefa simples. Equilibrar todas essas demandas exige uma dedicação constante e um esforço contínuo para alcançar harmonia entre as diferentes esferas da vida.

Minha trajetória como mulher negra de candomblé considero como exemplar nos espaços sociais que frequento, especialmente no ambiente educacional, que é o campo em que atuo profissionalmente. Sei que minha presença nesses espaços não é aleatória; tenho um objetivo claro e uma missão, assim como todos que aqui estão. Ao longo da minha caminhada, tenho vivenciado experiências transformadoras que ampliam meus saberes intrapessoais e interpessoais, essenciais para o fortalecimento das minhas relações em todas as fases da minha

vida escolar. Cresci em um terreiro de Candomblé, o que me proporcionou referências de educação doméstica, postura, compromisso, responsabilidade, boa índole e igualdade. Sempre tratada da mesma forma que meus irmãos de axé, com os mesmos direitos e deveres, acompanhada pelos ensinamentos dos/as mais velhos/as, que garantiram que nunca houvesse distinção entre nós. Assim, carrego comigo um forte sentimento de pertencimento a cultura africana e afro-brasileira.

Lembro que os primeiros anos da educação escolar, todos nós, netos/as de Dona Angelina, frequentamos uma pequena escola particular no bairro, cuja diretora e proprietária era uma amiga próxima da família. Naquela época, pouco se falava sobre discriminação e intolerância religiosa. Assim, quando fomos iniciados no Candomblé, não percebíamos qualquer forma de discriminação ou preconceito, pois, no bairro onde o terreiro estava inserido, a maioria das pessoas se conhecia e mantinha uma relação de respeito mútuo. A relação interpessoal, a educação doméstica, a educação do terreiro e da escola ampliaram minha concepção de ver e compreender o mundo. Além da família biológica, tinha uma família de axé, composta por pessoas que hoje são iniciadas em nosso Ile (Casa).

Posso dizer que na minha trajetória enquanto estudante, nunca vivenciei nenhuma situação de discriminação ou racismo de forma direta devido à minha religião. Mesmo usando minhas guias, que são um elo com meus orixás, nunca me deparei com situação de preconceito e/ou intolerância religiosa de forma aberta, ao contrário de muitas pessoas. No entanto, percebo que os ojás, turbantes que cobrem e protegem o orí (cabeça) do iniciado; as guias do orixá, que são colares de proteção; e as mocãs (tranças feitas com palhas da costa) para afastar espíritos e más influências, juntamente com o uso de roupas brancas, geralmente são vistos de forma preconceituosa e discriminatória na escola e fora dela.

Como observam Oliveira e Almirante (2014, p. 151) “o corpo é um importante elemento na construção das carreiras escolares, havendo um verdadeiro julgamento corporal, utilizado como elemento de exclusão no universo da escola.” Essa falta de compreensão pode levar crianças e adolescentes a se sentirem excluídos/as, resultando em aversão à escola durante o período em que tem que cumprir obrigações religiosas no terreiro. Portanto, é fundamental (re)educar os/as estudantes, professores/as e toda a comunidade escolar para prevenir discriminação e preconceitos e, assim, reduzir a violência tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Nesta perspectiva, ao serem questionados/as se já sofreram algum tipo de discriminação ou preconceito por ser candomblecista durante a vida escolar, os participantes da pesquisa responderam:

Naquele tempo não. Há quarenta e cinco anos atrás, por falta de conhecimento escondia a minha religião até como meio de defesa. (Yalaxé Jacira).

[...] na verdade, eu muito me escondia, escondia minha religião. Nunca bati de frente dizendo que sou de candomblé. Só quando alcancei a maior idade, no curso técnico e no trabalho que me reafirmei como candomblecista. (Omon Orixá Gilmar).

Não! Não porque sempre estive rodeada de pessoas do candomblé. No primário estudei em uma escola católica vizinha ao nosso terreiro [...] e no ginásio [...] a diretora era filha de santo de minha avó Angelina, fui privilegiada. (Yadagan Rejane).

Eu enquanto criança não senti na pele nenhum tipo de intolerância, [...] porque naquele tempo quem era da religião não falava que era pertencente. Era um assunto proibido, até porque éramos obrigados a irmos à igreja, assistir à missa, fazer catequese [...], eu fiz primeira comunhão, fui batizado, crismado tudo por imposição de meus pais e era uma prática comum na sociedade soteropolitana da época. Então, nós não íamos pra escola de branco, de cabeça amarrada de mocãs (tranças de palha), com fios de contas (guias) no pescoço, nada que desse indícios que você era da religião de matriz africana. Então, com relação a religião na escola não tive experiência que eu pudesse caracterizar como preconceito ou intolerância. (Babá Ebé Luís).

As narrativas acima refletem a complexidade e as nuances das experiências de discriminação e preconceito no contexto escolar, principalmente quando se trata da vivência religiosa. A maioria das respostas aponta para uma estratégia de ocultação da religião como forma de proteção em tempos passados, como menciona Jacira e Gilmar, que, devido à possível hostilidade, preferiam esconder sua identidade religiosa para evitar situações de preconceito e discriminação.

A fala de Rejane, no entanto, sugere uma experiência diferente, em que ela se sentiu privilegiada por estar em um ambiente escolar onde havia uma conexão com o Candomblé, o que parece ter proporcionado um espaço mais acolhedor e respeitoso. Por outro lado, Luís compartilha uma experiência marcada pela imposição de práticas católicas na infância, algo que muitos/as candomblecistas enfrentaram devido à pressão social na época, onde as religiões de matrizes africanas eram mantidas em segredo e não podia ser manifestada abertamente. Essas narrativas, portanto, evidenciam a ambiguidade entre a invisibilidade religiosa, a necessidade de ocultação e os espaços de acolhimento, ressaltando como a

intolerância religiosa e o preconceito foram vividos de formas distintas, dependendo do tempo, contexto e das condições individuais de cada pessoa.

Relação entre Candomblé e Educação

Atualmente, a educação brasileira está passando por um processo de descolonização, com o objetivo de transformar as práticas pedagógicas e de ensino. No entanto, os processos educativos presentes nos terreiros, por sua vez, continuam sendo pouco discutidos ou completamente ignorados no ambiente escolar. Nesse contexto, Cunha Júnior (2009) destaca a importância da laicidade nas instituições educacionais, enfatizando a necessidade de promover um ambiente inclusivo e respeitoso, onde a diversidade religiosa seja reconhecida sem imposição de crenças. Para ele, a liberdade de expressão religiosa não deve ser confundida com proselitismo ou tentativa de conversão, sendo essencial essa distinção para que a convivência religiosa plural seja garantida.

Ainda de acordo com Cunha Júnior (2009), as escolas devem ser laicas, conforme estabelece o estado constitucional brasileiro, e não devem se opor ao ensino de nenhuma religião. Ele pontua que, embora não seja necessário promover festas ou propagandas ligadas a uma religião específica, é fundamental que o Candomblé seja incluído no currículo escolar. Isso contribuiria para esclarecer a cultura dessa religião, desmistificando preconceitos que a associam a práticas demoníacas, e promoveria um ambiente educacional mais justo e representativo das diversas manifestações culturais e religiosas presentes no país.

Nesse cenário, ao serem questionados/as sobre como eles/as percebe a diversidade religiosa nas escolas e qual a importância de abordá-la no ambiente escolar, Gilmar e Luís responderam:

Acho que estamos ainda em uma caminhada muito distante, pra realidade que vivenciamos hoje em 2025. Tudo é muito pouco, [...] tudo é muito vago, raso, uma maquiagem, um ludibriamento pra dizer que respeita. Muito superficial. Espero que melhore e que daqui pra frente sejamos respeitados. É essencial abordar sobre esse assunto nas escolas. Deveria ser primordial para a vida das crianças para quando se tornarem adultas se reafirmarem e se reconhecerem como pessoas pretas de religião de matriz africana, que é a religião que sofre mais intolerância, mais discriminação, [...] Tem que ser abordada [...], porque quando se aprende desde pequeno que o candomblé não é uma religião do demônio a criança irá crescer tendo outra visão, não vai precisar ser de candomblé para respeitar, ela vai saber que é uma religião diferente, mas que tem os deuses que devem ser respeitados tanto quanto a religião dela. (Omon Orixá Gilmar).

A diversidade religiosa no ambiente escolar está cada dia mais confuso porque cada um defende os seus interesses, acredita no seu e o ódio permeia a todos porque se um adolescente, uma criança hoje vai pra escola com um mocã (fios de contas) ela sofre represaria não só dos colegas, mas do professor também. Digo mais, a partir do porteiro que quando essa criança passa por ele já recebe aquele olhar esquisito, na sala de aula é ainda pior porque se o professor for evangélico ou se a maior parte dessa classe também for evangélica esse ou aquela que for de pertence africana está frito, porque será massacrado em sala de aula e fora dela está arriscado a tomar uma pisa e é daí que vem a importância não somente de abordar, mas discutir sobre o que é realmente a cultura de pertence africana. Falar mais sobre o candomblé pra que as pessoas acabem com essa ideia idiota de que quem é de axé é do diabo. Quem é de candomblé não cultua, não conhece e não sabe o que é o diabo, mas ainda sim somos demonizados a todo instante, a tudo aquilo que não presta é por culpa daquele que é do candomblé. Aquilo que não é bom é associado agente. Uma oferenda em uma encruzilhada é classificada como algo maléfico, mesmo se estiver tendo muitos acidentes nesse local e tivesse sido feito para acabar com a violência no trânsito, o benefício alcançado nunca será porque pedimos a Exú pra guiar em segurança os caminhos de quem passam por ali. Torna-se necessário essa discussão pra que acabem com a ideia de que o candomblé é aquilo que as pessoas acham, que ainda tem muita gente no achismo achando que o candomblé é algo do demônio. (Babá Ebé Luís).

As falas de Gilmar e Luís refletem uma percepção crítica e realista sobre a atual situação da diversidade religiosa nas escolas, apontando que, embora haja avanços, ainda estamos longe de um ambiente realmente respeitoso e inclusivo para religiões de matrizes africanas. Para Gilmar, a abordagem da diversidade religiosa deveria ser essencial nas escolas, a fim de educar as crianças desde cedo para respeitar as diferenças e compreender que o Candomblé não é uma religião demoníaca, mas uma prática religiosa legítima que merece o mesmo respeito que as demais.

Luís, por sua vez, destaca a hostilidade e os desafios enfrentados por estudantes candomblecistas, desde o olhar discriminatório do porteiro até o preconceito explícito de colegas e professores/as, especialmente quando estes pertencem a tradições religiosas diferentes, como o evangelicalismo. Ele enfatiza a necessidade de uma abordagem mais profunda e consciente sobre o Candomblé para combater a demonização e os estigmas ainda associados à religião. Defende, ainda, que, para que haja uma verdadeira mudança, é essencial discutir e desmistificar o Candomblé nas escolas.

Ao serem questionados/as sobre de que forma os princípios e práticas educativas do terreiro podem ser aplicados no contexto escolar para promover uma educação mais inclusiva, responderam:

Exposição dos Orixás, desfazendo a imagem de Exú como diabo, reafirmando como senhor mensageiro e enfatizando que ele é o Orixá que se aproxima mais das pessoas dando exemplos como os dois lados de uma moeda, o mal e o bem, dentro de nós temos duas feras, prevalece a que alimentamos, com Exú não é diferente. Feiras culturais expondo peças relacionadas a temática, expor ervas originárias a cada Orixá, ressaltar os benefícios que trazem a nossa saúde e as que são prejudiciais. (Yalaxé Jacira).

Podem ser aplicados através de oficinas de arte, dança, culinária. Tudo está envolvido e vai abranger a religião e vai ter uma visão de tudo que é vivenciado dentro de um terreiro. [...] lá dentro tem muitas coisas a ensinar, muito a proporcionar, muito a somar com a escolaridade da criança ou do adolescente e até dos próprios adultos, que no candomblé se presa o respeito aos mais velhos, a educação doméstica e social, a hierarquia. Tudo isso é muito importante para vida escolar, ter regras e disciplina, escutar o professor, você saber a hora de lanchar, de fazer as atividades, de brincar, hora de falar de escutar, então dentro do axé, você aprende tudo isso também. Então de uma certa forma tudo que é abordado dentro do terreiro a criança leva pra vida. (Omon Orixá Gilmar).

O candomblé é uma grande universidade, lá se aprende a falar, a rezar, a cantar, a costurar, a bordar, a se vestir porque temos vestes para cada ocasião e o mais importante é o respeito pelos mais velhos. E isso levamos para a vida. [...] o mais velho dentro da nossa tradição é uma biblioteca andante, você aprende com ele não somente aquilo que sai da boca do mais velho, aquilo que é chamado de ofó (palavra), mas a prática. (Babá Ebé Luís).

As respostas de Jacira, Gilmar e Luís indicam formas concretas de como os princípios e práticas educativas do terreiro podem ser aplicados no contexto escolar para promover uma educação mais inclusiva, enfatizando valores como respeito, disciplina, e conhecimento cultural. Jacira propõe, por exemplo, a desmistificação de figuras religiosas, como Exú, com o objetivo de desfazer preconceitos e mostrar o equilíbrio entre o bem e o mal, e sugere a realização de feiras culturais e o ensino sobre ervas sagradas para promover o respeito e compreensão das práticas do Candomblé. Gilmar, por sua vez, destaca a aplicação de oficinas de arte, dança e culinária como formas de integrar a vivência religiosa do terreiro com a educação escolar, sublinhando a importância da disciplina, da hierarquia e do respeito aos/às mais velhos/as, valores fundamentais tanto no terreiro quanto no ambiente escolar. Luís complementa, ressaltando que o Candomblé é uma verdadeira "universidade", onde se aprende desde a comunicação até as práticas cotidianas, sempre com ênfase no respeito aos/às mais velhos/as, que são vistos/as como fontes vivas de sabedoria.

Em relação como os princípios e práticas educativas do terreiro pode contribuir para a desconstrução de preconceito e estereótipos em relação às religiões de matrizes africanas nas escolas, Luís respondeu:

Um dos pilares do candomblé é o amor, que é transformador, o amor que temos pelo sacerdote, que temos pelo nosso Orixá, que temos por nossa casa de axé, que nos acolheu quando estávamos precisando, que nos curou de algum problema, [...] o amor constrói. Então, essa é uma prática vivida dentro do terreiro e que se fosse levada também [...] para dentro da escola teríamos avanços inacreditáveis. (Babá Ebé Luís).

A fala de Luís destaca o papel central do amor, um dos pilares do Candomblé, como uma ferramenta importante para a desconstrução de preconceitos e estereótipos em relação a essa religião nas escolas. Ao enfatizar que o amor é transformador e presente nas relações dentro do terreiro – seja pelo respeito ao/à sacerdote, ao/à Orixá, ou à casa de axé que oferece acolhimento e cura – Luís sugere que esse valor pode ser uma prática eficaz para promover a empatia e o respeito mútuo entre os/as estudantes. Se o amor vivido dentro do terreiro fosse levado para o contexto escolar, ele acredita que isso geraria um ambiente mais inclusivo, capaz de combater a intolerância religiosa e as ideias preconcebidas. Assim, a prática do amor, quando compartilhada nas escolas, pode contribuir para a criação de uma educação que valoriza a diversidade religiosa, respeita as diferenças e favorece a convivência harmoniosa entre os/as estudantes, independentemente de sua religião.

Sobre quais ações eles/as sugerem para que as escolas integrem os princípios e práticas do terreiro no cotidiano escolar, promovendo a valorização das culturas africanas e afro-brasileira, e a diversidade religiosa, responderam:

Acho que é necessário a capoeira, assim como o vôlei, o basquete, o futebol, porque a capoeira fala muito sobre ancestralidade, fala sobre o próprio candomblé, professores que fale sobre as religiões sem distinção, assim como tem de português, matemática, abordar e ensinar sobre as religiões é essencial um professor de teologia. (Yalaxé Jacira).
Com capacitação trimestral, que fale e discutam, tirem dúvidas sobre religiões dando voz e vez com palestras com os dirigentes de cada religião. (Omon Orixá Gilmar).

As escolas poderiam usar como metodologia os contos, os itãs (histórias africanas), dos Orixás que os antigos contavam, mas não as histórias que deturpam o pensar da criança, nada parecido como o boi da cara preta. São histórias que levam as crianças a desconstruírem a ideia de que candomblé é território de pessoas desocupadas, menos informadas, sem cultura alguma, sem saber algum. (Yadagan Rejane).

As sugestões de Jacira, Gilmar e Rejane para integrar os princípios e práticas do terreiro no cotidiano escolar refletem um desejo de promover uma educação mais inclusiva e respeitosa às culturas africanas e afro-brasileira, e à diversidade religiosa. Jacira propõe a inclusão da capoeira no currículo escolar, como uma atividade que conecta diretamente a ancestralidade e o Candomblé, além de sugerir que os/as professores/as abordem as diferentes religiões de forma igualitária, sem discriminação. Gilmar sugere a implementação de formações periódicas para professores/as, com o intuito de discutir e esclarecer questões sobre religiões de matrizes africanas, promovendo um espaço de diálogo e aprendizado contínuo.

Rejane, por sua vez, defende o uso de contos e itãs (histórias tradicionais) como metodologia pedagógica, mas alertando para a necessidade de uma abordagem respeitosa, que distinga o Candomblé das narrativas distorcidas e preconceituosas, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Essas ações, juntas, visam uma educação que não só valorize as práticas culturais afro-brasileiras e africanas, mas que também promova um ambiente de respeito e compreensão das diversas religiões presentes no Brasil.

O Candomblé, como já mencionado, enfrenta séculos de intolerância, preconceito e perseguições, desde o período colonial até os dias atuais. Esse contexto histórico gerou mitos e tabus que dificultam a discussão sobre as religiões de matrizes africanas nas escolas. Portanto, é imprescindível que essas questões sejam incorporadas ao currículo escolar, pois o Candomblé é uma parte fundamental da cultura brasileira. Promover essa discussão nas escolas é um ato de pluralismo e democracia, visto que as imposições religiosas contrariam os direitos humanos e a liberdade de expressão religiosa, pilares essenciais para uma sociedade justa.

Incluir o Candomblé no currículo escolar não só enriquece o aprendizado dos/as estudantes, mas também proporciona uma compreensão mais rica das raízes culturais e históricas que fundamentam a sociedade brasileira. Ao tratar de todas as religiões de forma igualitária, as escolas têm o poder de criar um ambiente de respeito e valorização, onde todos/as os/as estudantes, independentemente de sua fé, se sintam incluídos/as. Como professora e pesquisadora, defendo que essa inclusão é de fundamental importância para combater o preconceito e a desinformação que cercam o Candomblé e outras religiões de matrizes africanas. Dessa forma, ao educar para a diversidade religiosa, as escolas ajudam a construir uma sociedade mais plural, justa e harmoniosa.

Reflexões finais e contínuas

Apesar dos muitos mitos e tabus criados sobre as religiões de matrizes africanas, não há motivo para temer o Candomblé. Por muitos anos, e ainda hoje, essa religião foi demonizada, especialmente pelos colonizadores e seus/suas descendentes. Durante muito tempo, os/as praticantes precisaram ocultar seus/suas orixás, associando-os/as aos santos católicos para evitar perseguições. Até hoje, em diferentes espaços, inclusive no ambiente escolar, os/as adeptos/as de religiões de matrizes africanas enfrentam preconceitos e discriminações em expressar sua fé. Portanto, é papel dos/as professores/as desenvolverem recursos para combater o racismo e a intolerância religiosa no ambiente escolar.

A formação e a informação sobre as religiões de matrizes africanas ajudam a combater agressões. Muitas vezes, estudantes desinformados/as chamam colegas de “macumbeiro/a”, “feiticeiro/a” ou outros insultos dentro do ambiente escolar. A ignorância e a apatia em relação ao Candomblé, uma religião de matriz africana, acabam gerando percepções distorcidas e fantasiosas, o que pode resultar no afastamento dos/as estudantes ou até mesmo na omissão sobre suas origens e raízes culturais. Quando não há compreensão plena do tema, os estereótipos prevalecem, e isso contribui para a marginalização, a discriminação e o preconceito contra essa tradição religiosa.

Tomando como parâmetro imersão etnográfica no Terreiro Ilê Axé Etomin Ewa e dos os/as autores/as que fundamentam este estudo, ratificamos a importância de que toda comunidade escolar (gestores/as, coordenadores/as e professores/as e demais funcionários/as) compreenda que é parte importante no ambiente escolar para o combate a intolerância religiosa. E que para avançar sobre a questão religiosa nas escolas, é necessário a busca constantemente de conhecimento acerca da temática, pois é fundamental para constituição de uma pedagogia que vise problematizar e combater qualquer forma de desigualdade, hostilidade, injustiça e discriminação religiosa, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

É essencial que todos/as os/as envolvidos/as no processo educativo reconheçam que nenhuma religião é mais importante que outra e que a fé de cada pessoa deve ser respeitada. A abordagem educacional precisa incluir o Candomblé, assim como outras religiões, e não se limitar apenas às tradições cristãs, como é comum em muitas escolas. Além disso, é necessário combater a violência física e

mental resultante da intolerância religiosa, que afeta os/as adeptos/as dessa religião no seu cotidiano. A escola tem a responsabilidade de ser um espaço de formação para cidadãos e cidadãs que compreendam a importância do respeito e da convivência pacífica entre as diversas religiões, para que possamos reduzir os conflitos e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Referências

BARROS, J. F. P. Xangô. A História que a Escola ainda não Contou. In: VALLA, V. V. **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 91-112.

CONCEIÇÃO, L. A. A. **A Pedagogia do Candomblé**: aprendizagens, ritos e conflitos. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia. Salvador: 2006.

CUNHA JÚNIOR, H. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano IX, n. 102, p. 97-103, nov./2009.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738/4810>

KIMURA, V; MENDES, G. M. L. Atravessando os portões: educação nos terreiros ou o que a escola poderia aprender. **Revista Práxis Educacional** v. 17, n. 46, p. 237-251, jul./set. 2021. <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n46/2178-2679-apraxis-17-46-237.pdf>

MACEDO, Y. M. M; MAIA, C. B; SANTOS, M. F. Pedagogia de Terreiro: pela decolonização dos saberes escolares. **Revista Vivências**, v. 15, n. 29, p. 13-25| jul./dez. 2019. <http://revistas.uri.br/index.php/vivencias/article/view/50>

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G; CASTRO, P. A. (Orgs.) **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. [mattos-9788578791902-03.pdf](https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/revistaetnografia/article/view/9788578791902-03.pdf)

MORONARI, J. C. S.; ALVES, A. F.; SILVA, C. C. Candomblé Escola: uma episteme do Egbé Onigbadamu para uma pedagogia de terreiro. **ACENO**, n. 10, v. 24, p. 507-524, set./dez. 2023.
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15568>

OLIVEIRA, A; ALMIRANTE, K. A. Aprendendo com o Axé: processos educativos no terreiro e o que as crianças pensam sobre ele e a escola. **Ilha**, v. 16, n. 1, p. 139-174, jan./jul. 2014. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2014v16n1p138/28718>

TAVARES. S.Luís e RUIVO. M. Inês Lopa. O Sincretismo Religioso como Estratégia de Resistência às Opressões no Cenário de uma Laicidade em Construção: Viva Zé-do-Burro, com as bênçãos de Iansan! [In]: ANAIS DO IX CIDIL – **Narrativas de um Direito Curvo**: homenagem a Calvo Gonzáles. Disponível em:
<<https://periodicos.rdl.org.br/anacidil/article/download/782/pdf/2846>> 2021.